



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11484 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

AS TIPOGRAFIAS E OS LIVROS PARA A EDUCAÇÃO DE CEGOS (SÉCULOS XVIII-XIX)

Tatiana de Andrade Fulas - PUC-SP/PPGE História, Política, Sociedade - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq; Capes

AS TIPOGRAFIAS E OS LIVROS PARA A EDUCAÇÃO DE CEGOS (SÉCULOS XVIII-XIX)

A produção de livros para cegos teve início em 1784, com a fundação do primeiro instituto francês para atender a esse público. Sem material didático disponível para a alfabetização de seus alunos, o diretor e professor Valentin Haüy desenvolveu, com a ajuda do impressor Jacques-Gabriel Clousier, caracteres tipográficos que, ao serem prensados no papel, gravavam as letras em relevo para a leitura tátil. O primeiro livro impresso nesta técnica foi confeccionado pelos próprios alunos cegos na tipografia de Clousier, que posteriormente estruturou uma oficina dentro do instituto para uso dos alunos (HAÜY, 1786). A profissão de tipógrafo passaria, então, a integrar o rol de atividades manuais ensinadas aos internos. Sendo uma referência mundial no início do século XIX, o instituto francês passou a ser um local de visita dos pesquisadores-viajantes que desejavam replicar a experiência em seus países. Eles levavam na bagagem de volta não só os livros impressos, como também o registro de suas observações sobre as técnicas de impressão. Contudo, a publicação de obras com letras e códigos em relevo requeria um grande volume de papel, insumo de maior custo na cadeia de produção do livro. Como as tipografias da época enfrentaram esse desafio? Quais técnicas, maquinários e materiais foram desenvolvidos e aprimorados? Como se deu a produção, a distribuição e o consumo dessas obras? As fontes primárias utilizadas neste estudo são compostas por relatórios dos institutos, atas de congressos, periódicos, memorandos administrativos, registros contábeis, catálogos e correspondências coletados em arquivos dos Estados Unidos, Inglaterra, Escócia e França. Com base na história social do livro, são analisadas a cadeia de produção de livros para cegos em relação às suas

particularidades técnicas de edição e impressão, mas também sob a perspectiva econômica, social, intelectual e cultural. Dentre as referências teórico-metodológicas que guiam este estudo estão Darnton (2010; 2016), Febvre e Martin (2017), Davis (1990) e Howsam (2015). Em razão da circulação transnacional desses livros, seguimos a perspectiva da história transnacional e da história comparada, a partir das contribuições Fuchs (2014), Seigel (2005), Sobe (2002), Roldán-Vera e Caruso (2007), em razão das diversas conexões entre os indivíduos de variados espaços geográficos, que estabeleceram relações para além de suas zonas fronteiriças. Identificamos que as técnicas utilizadas na impressão de livros dentro dos institutos abarcavam não só a alfabetização prévia dos alunos para o manuseio dos caracteres tipográficos para a composição das páginas, mas também um trabalho que exigia certa posição de corpos e mãos para a adequada prensagem do papel. A presença dos alunos cegos transformava as tipografias em espaços pedagógicos, uma vez que eles atuavam como editores, revisores e impressores. Motivados pelo surgimento de um novo tipo de leitor, mecânicos e engenheiros adaptaram as prensas para uma melhor gravação do relevo e implementaram a impressão em papel umedecido, que exigiu a inserção de máquinas de secagem para a adequada encadernação. No instituto Perkins, de Boston, o mecânico Stephen Preston Ruggles criou uma nova prensa e trabalhou junto com os fabricantes para desenvolver um papel mais fino e resistente à pressão do relevo (PROCEEDINGS, 1881). Em Viena, o diretor da gráfica estatal Alois Auer von Welsbach fez várias inovações, como a produção de papel a partir de palha de milho e a primeira impressão com papel em bobina (OBL, 1986). Houve mudança também nas técnicas metalúrgicas, como a revisão das ligas metálicas para a criação de caracteres tipográficos mais resistentes à prensa. No instituto de Paris, o diretor e professor Sébastien Guillié mandou fundir tipos metálicos com o percentual de antimônio e cobre diferentes da medida tradicional, para que os tipos ficassem resistentes à forte pressão exercida sobre eles na máquina de prensagem do relevo (GUILLIÉ, 1819). A comercialização e a distribuição desses livros mobilizaram uma extensa rede de contatos da cadeia editorial – do artesão que produzia os tipos móveis, ao missionário que levava os livros para as colônias. Com o apoio das sociedades bíblicas, os livros produzidos no Reino Unido e nos Estados Unidos chegaram à Índia, China, Austrália e países da África, sendo impressos na língua ou dialeto locais, revelando um fenômeno global de transferência de tecnologia, produção, circulação e consumo de livros e materiais didáticos para a educação de cegos.

Palavras-chave: história do livro; cultura material escolar; transnacionalização; educação especial; cegueira.

Referências bibliográficas

BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg*. São Paulo: Edusp, 2018.

BARBIER, Frédéric. Escrever *O aparecimento do livro*. In: Posfácio. FEBVRE, Lucien;

MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo – Sociedade e cultura no início da França moderna*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DARNTON, Robert. *Censores em ação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DARNTON. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

ESCOLANO Benito, Agustín. Ethnohistory and Materiality of Education: In the Setting of Universal Exhibitions. In: *Modelling the Future: Exhibitions and Materiality of Education*. Oxford: Symposium Books, 2009.

FEBVRE, Lucien; Martin, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Edusp, 2017.

FUCHS, Eckhardt. History of Education Beyond the Nation? Trends in Historical and Educational Scholarship. In: Bagchi, Barnita; Fuchs, Eckhardt; Rousmaniere, Kate (ed.). *Connecting Histories of Education*. Transnational and Cross-cultural Exchanges in (Post-) colonial Education. New York/Oxford: Berghahn, 2014.

GUILLIÉ, Doctor (Sébastien). *An essay on the instruction and amusements of the blind*. London: Richard Phillips, 1819.

HAÜY, Valentin. *Essai sur l'éducation des aveugles*. Paris: s.n., 1786.

HOWSAM, Leslie. The Study of Book History. In: Howsam, Leslie. *The Cambridge Companion of the History of the Book*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MACLEOD, Christine. *Heroes of Invention*. Technology, Liberalism and British Identity 1750-1914. New York: Cambridge University Press, 2010.

MCKENZIE, Donald. F. *Bibliografia e sociologia dos textos*. São Paulo: Edusp, 2018.

OBL. *Österreichisches Biographisches Lexikon: 1815-1950*. Wien: VÖAW, 1986. Disponível em: . Acesso em: 13 fev. 2021.

OSSENBACH, Gabriela; DEL POZO, Mariía del Mar. Postcolonial Models, Cultural Transfers and Transnational Perspectives in Latin America: A Research Agenda. *Paedagogica Historica*, 47:5, pp. 579-600, 2011.

OTT, Katherine. Material Culture, Technology, and the Body in Disability History. In: Rembis, Michael; Kudlick, Catherine; Nielsen, Kim E. (eds.) *The Oxford Handbook of Disability History*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

PROCEEDINGS of the American Academy of Arts and Sciences. *Stephen Preston Ruggles*. V. 16. May 1880-Jun 1881, pp. 433-435. Disponível em: . Acesso em: 17 mar. 2021.

ROLDÁN-VERA, Eugenia; CARUSO, Marcelo (ed.). *Imported modernity in post-colonial state formation*. The appropriation of political, educational, and cultural models in nineteenth-century Latin America. Berlin: Peter Lang, 2007.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method After the Transnational Turn. *Radical History Review*, v. 91, pp. 62-90, 2005.

SHEP, Sidney. Books in Global Perspectives. In: Howsam, Leslie. *The Cambridge Companion of the History of the Book*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

SOBE, Noah W. Travel, Social and the Making of Nations in Early 19th Century Comparative Education. In: Caruso, Marcelo; Tenorth, Heinz-Elmar. *Internationalisierung. Internationalisation*. Frankfurt am Main: Peterlang, 2002.